

GAZETA MERCANTIL

Bancos dos EUA terão que duplicar reservas para o Terceiro Mundo

por Getulio Bittencourt
de Nova York

Primeiro foi a IBCA Inc., a empresa inglesa especializada em análise de bancos comerciais. Depois a Moody's Investors Service, e agora a Standard & Poor's, as duas grandes empresas norte-americanas de classificação dos ativos nas bolsas de valores. O veredito das três é idêntico: os bancos comerciais dos EUA vão ter que dobrar suas reservas sobre os empréstimos ao Terceiro Mundo.

O título do estudo de Andrew Aran, Clifford Griep e Scott Gerber para a Standard & Poor's já diz que "reservas dos bancos dos EUA para os países menos desenvolvidos são inadequadas". O descarta de parte da dívida da Argentina e do México, observam eles, "vai diminuir as reservas agregadas dos sete maiores bancos dos EUA para os países em desenvolvimento dos atuais 24,8 para 16,9% em média".

Como a porção da dívida perdoada é sacada pelos bancos dessas reservas, os analistas da Standard & Poor's ponderam que pelo menos dois bancos vão ficar com níveis baixíssimos: o Manufacturers Hanover, com 11,8%, e o Chemical Banking Corp, com 13,8%.

A simples recomposição das reservas aos níveis anteriores a esses dois descartes, nessa estimativa, reduzirá o valor das ações comuns dos grandes bancos em 9,6%, assumindo-se uma taxa de 40%. O declínio das ações comuns será mais acentuado no Manufacturers Hanover (17%) e no Bankamerica Corp (13%). A relação entre ações e ativos dos dois bancos será reduzida a 3,6%.

"As reservas adequadas sugeridas pela Standard & Poor's para exposição aos países menos desenvolvidos cresce para 45%, vinda

de 38% em janeiro de 1988", dizem os três analistas, "refletindo a contínua queda na qualidade desses empréstimos". A Moody's, ainda mais dura, propõe reservas de pelo menos 50%. O crescimento proposto nas reservas corresponde a ativos do valor de US\$ 13,6 bilhões.

Andrew Aran e seus colegas notam que o acordo com o México, caso a dívida efetivamente se reduza em 35%, fortalece a capacidade de pagamento do país, e deve reduzir o nível requerido de reservas para esses empréstimos no futuro, "mas algum nível de reserva ainda será requerido". A qualidade do crédito de outros países, segundo eles, é pobre — especialmente no caso "do Brasil, Peru e Venezuela".

Eles prevêm que os bancos comerciais serão continuamente pressionados a não apenas recompor suas reservas, mas a ampliá-las.

O modelo de reservas para os bancos, elaborado para a Standard & Poor's por Philip Bates, é uma variação da metodologia empregada pelo Banco da Inglaterra, que obrigou os bancos ingleses a elevar suas reservas para 50% no final do primeiro semestre.

O modelo inglês se baseia em três itens: (a) indicadores da performance de pagamento histórica e corrente do país; (b) avaliação da recente performance econômica e financeira; e (c) a análise qualitativa dos fatores relevantes de risco político e econômico que possam afetar a capacidade de pagamento futura.

"Os dois primeiros fatores, que incluem quinze tipos de dados, são objetivos, e o terceiro é subjetivo", diz Philip Bates. A aplicação do modelo da Standard & Poor's mantém inalterada em agosto passado a posição do Brasil (ver a tabela), mas afeta a da Argentina.